

## SIMÕES LOPES NETO

### *ONDE NÃO CHEGA O OLHAR PROSSEGUE O PENSAMENTO*<sup>1</sup>

Uma fotografia do escritor João Simões Lopes Neto,<sup>2</sup> possivelmente num domingo de verão na Estância da Graça,<sup>3</sup> apresenta o escritor cenicamente reclinado, com um cachorrinho que o acompanha em pelo menos duas outras fotografias, e circundado por pessoas que lá viviam e o inspiravam. Como não existem muitas fotos do escritor, esta se torna núcleo fulgurante para iluminar uma possível nova leitura do homem Simões Lopes Neto.

Poucas vezes um homem foi tão forte expressão de seu tempo e lugar. Simões viveu um momento complexo da nossa história. A atividade pecuária então estabelecida e já com a atividade industrial do charque em decadência, acontecia a distância de poucos anos de uma condição em que o território se caracterizara por um *ethos* compartilhado entre os grupos humanos residentes e invasores. O tipo humano que construiu o mundo sociocultural do escritor passava pelo homem gaúcho que ali se configurou. Por outro lado, a mesma bravura e obstinação que molda este homem o faz senhor da sua própria fragilidade, quando o situamos no panorama e imensidão do pampa.

*... à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, mancado de pontas de gado que iam se arrolhando nos parados da noite; à direita, o sol muito baixo, vermelho-dourado, entrado em massa de nuvens de beiradas luminosas.*<sup>4</sup>

A vivência campeira de Simões se limitou aos onze anos que viveu na estância do avô, o Visconde da Graça. A seguir, seu existir passa pela vivência da Pelotas do final do século XIX, com um tempo da sua juventude vivido no Rio de Janeiro, então imperial, em vias de se tornar capital da república. Pelotas era um núcleo urbano com o dinamismo que esta expressão carrega, mas com uma real proximidade com a atividade industrial que a alimentava e que a fez surgir: a indústria do charque. Toda essa realidade de riqueza e sua dinâmica de produção e comércio se esvaíam na diversidade de novas oportunidades que se caracterizavam pela chegada de imigrantes

---

<sup>1</sup> Do poema *Rêve*, publicado em 14 de março de 1888, no jornal *A Pátria*. *Onde não chega o olhar prossegue o pensamento. / Por isso ao descambar do sol, na tarde amena, / Eu sinto na asa da saudade – lento, lento / O coração cerrar-se e torcer-se num tormento. / A triste solidão me fala... a placidez do céu / Tem risos d’esperança... a nuvem é dourada... / Mas a noite desdobra o estrelado véu, / E a saudade... a saudade me prende como um réu, / Melancólico, sozinho – as lentas horas / Passo a sonhar-te oh! Doce imagem! / Oh! Luminoso olhar! Ah! Fada d’um momento! / Eu não gemo. – Bem sei que tu não choras... / Nem te importes o meu cismar. Sigo a miragem; / Onde não chega o olhar, prossegue o pensamento.* Diniz, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto – uma biografia*. Porto Alegre, RS: AGE/UCPEL, 2003.

<sup>2</sup> Do arquivo pessoal de Luiz Simões Lopes, cedida para este catálogo e para a exposição, pelo CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Simões Lopes Neto nasceu e viveu na Estância da Graça até os 11 anos de idade. Ali retornaria algumas vezes para eventuais e curtas temporadas ou para encontros familiares.

<sup>4</sup> Lopes Neto, Simões. *Trezentas Onças*. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* – Introdução, fixação de texto e notas de Luís Augusto Fischer. LPM, Porto Alegre, 2012.

alemães e italianos, pelas novas formas de relação produtiva e na transformação das relações oligárquicas outrora conformadoras da sociedade gaúcha.

Nesse contexto, homem de perfil humanista com incursão em ações intensas e quase extremas de consciência cívica, o escritor João Simões Lopes Neto teve fenomenal insucesso em todos os seus empreendimentos de caráter comercial, industrial e de prestação de serviços.

Com constante participação nas atividades sociais e cívicas da sua cidade, era conhecido e reconhecido por todos nas suas diversificadas atividades de perfil econômico e cultural. Seu espírito e autoformação eclética navegavam das peças teatrais, triolês e crônicas jornalísticas às conferências cívicas, de literatura, de agricultura, tecnologia e história. Sua atuação nos jornais *A Pátria*, *A Opinião Pública*, *Diário Popular*, *Correio Mercantil* mostra como se comunicava nas colunas *Bala de Estalo* e *Tesoura Hilariante*, nas crônicas *O Rio Grande à vol d'oiseau* e *Temas Gastos*, entre vários outros títulos de perfil cívico, empresarial e literário.

Em *Contos Gauchescos*, pode-se presumir que sua escrita emerge em parte de uma consciência e conhecimento de sua história, da realidade nostálgica do seu mundo em transformação. Da humanidade e construção espiritual de Blau, “guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade,”<sup>5</sup> emana uma narrativa ao mesmo tempo realista e nostálgica, reveladora da rudeza e pontualidade violenta das relações humanas do seu tempo, seus temores e suas imposições na vida no campo.

Ler os *Contos* proporciona sempre uma experiência nova, uma deliciosa composição literária com uma brilhante proposta de linguagem. As cenas do conto *Contrabandista* poderiam ser de um romance moderno ou de uma imagem filmica de Nelson Pereira dos Santos,<sup>6</sup> mudando a direção, na cena final, para a do Tarantino<sup>7</sup> de *Kill Bill* – vermelho-sangue, denso.

*Tudo numa plastada de sangue... tudo manchado de vermelho, toda a alvura daquelas coisas bonitas como que bordada de colorado, num padrão esquisito, de feitos estrambólicos... como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual!...*<sup>8</sup>

Pensar parte dos *Contos* compondo imagens filmicas e cenográficas é irresistível. Que estímulo à nossa imaginação, ao nosso mundo perceptivo, sucessivas vezes evocando nossa empatia e nossos sentimentos de compaixão – a compaixão que se coloca pelo status do personagem e pela relação com nossa própria história, por evocar nossa ancestralidade. Imaginar o contexto é inevitavelmente um exercício de reconhecimento, de estranhamento e indagação.

A leitura atenta de *Lendas do Sul* nos impele a um mundo fantástico, à dissolução do sólido que nos cerca. Essa experiência transfere o leitor da solidez terrena às evanescentes e luminosas cenas de transformação, na paisagem, no corpo e no espírito do personagem.

*E os homens, por curiosos, olhavam pasmados para aquele grande corpo de serpente, transparente – tatá, de fogo – que media mais braças que três laços de conta e ia alumiando baçamente as carquejas... E depois, choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois as suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que só os olhos e a boitatá ainda cobiçava os olhos vivos dos homens, que já os das carniças a enfaravam...*<sup>9</sup>

<sup>5</sup> ... guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através da imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco. In: Schlee, Aldyr Garcia. *Os Contos Et Lendas de João Simões Lopes Neto*. Pelotas, RS: Aldyr Garcia Schlee, 2011.

<sup>6</sup> Tanto sua visão de diretor no filme *Vidas Secas* (1963), baseado na obra de Graciliano Ramos, quanto na direção do documentário *Casa-Grande e Senzala* (2000), baseado no livro homônimo de Gilberto Freire (1933).

<sup>7</sup> *Kill Bill* (2003), filme dirigido por Quentin Tarantino (Tennessee, 1963), ator, diretor e roteirista norte-americano.

<sup>8</sup> Lopes Neto, J. Simões. *Contrabandista*. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Coleção Província Vol.1. Porto Alegre, Editora Globo, 1957.

<sup>9</sup> Lopes Neto, J. Simões. *A Mboitatá*. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Coleção Província Vol.1. Porto Alegre, Editora Globo, 1957.

Sobre o fazer das lendas, diz Simões: “A estrutura de tais lendas perdura; procurei delas dar aqui uma feição expositiva – literária e talvez menos feliz – como expressão da dispersa forma por que a ancianidade subsistente transmite a tradição oral, hoje quase perdida e mui confusa: ainda por aí se avaliará das modificações que o tempo exerce sobre a memória anônima do povo.”<sup>10</sup>

Mas é nos *Contos* que nos sacudimos incrédulos com este outro lado do *entre* a que se refere Ligia Chiappini.<sup>11</sup> Na cidade de Pelotas, Simões viveu momentos díspares na sua vida; a sua atividade jornalística, sua atuação como teatrólogo e produtor cultural, seus malogrados negócios foram em sua maioria urbanos, e as sociedades das quais participava tinham suas sedes na cidade. Se por um lado “era o tipo acabado do cidadão”, como se refere Reverbel,<sup>12</sup> sabe-se que, embora não voltasse a morar na estância, passava longos períodos com familiares na Graça.

Podemos supor que há, na concepção ficcional de Simões, uma estratigrafia da sua condição de estar *entre*? Como não admirar sua verve para a criação dos personagens urbanos das peças de teatro que escreveu? Seria esta a sua primeira medida também para a escrita dos contos, na elaboração de tipos humanos e contextos tão característicos? Da humanidade derivada das suas memórias, recuperando no passado um mundo ficcional do narrador Blau Nunes, como entender os códigos éticos do Vaqueano?

São muitas as lacunas quando pensamos o homem João Simões Lopes Neto. E são também muitas para entender o caminho que o leva a escrever os contos, a retornar ficcionalmente ao mundo da sua infância, então transformado, onde também Blau se sente “...sozinho, abandonado, gaudério e gaúcho, sem ninguém pra me cuidar!”<sup>13</sup>

Há a experiência de prospecção do *Bau de Simões*, em cujo interior, além de preciosos manuscritos, pode-se apreciar várias lâminas com recortes que sinalizam sua pesquisa, busca e curadoria iconográfica. Muito a buscar e entender nos pequenos recortes de bordas disformes, colados sobre folhas brancas de bordas amassadas, agrupadas num álbum em que a capa verde informa: *Notas e fotografias*. Esse “bau”, que recolhe parte de seus pertences, não se sabe que aspecto tinha. Um objeto configurado após a morte de Simões, o arcabouço físico dessas preciosidades traz luz sobre a compreensão do seu processo criativo, além do contexto real da sua existência. O “bau” que chegou até nós com tantas oportunidades de pesquisa é hoje uma malinha azul, possivelmente dos anos 1950, preciosa mala, de tantas histórias e mistérios. Onde e com quem realmente esteve este arquivo de documentos até retornar a Francisca Meirelles Leite, a Dona Velha, esposa do escritor, para então ser doado por ela a Manolito de Ornellas, seu amigo, é outra das várias incógnitas da biografia simoniana.

Conhecer os manuscritos, perceber, na manualidade autográfica das correções, riscos e observações, momentos do seu trabalho, nos aproxima e sugere parte do seu processo criativo. E onde estaria a escrita da sua investida maior, a do narrador que apresenta Blau Nunes, “... desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino?”

O projeto *Bujurú*, hoje na mala azul, evidencia o protagonismo de Simões, seu caráter empreendedor e visionário, seu conhecimento e tenacidade para implantar uma empresa de pesca. Nesse compilado de documentos, estabelece, através de seus próprios desenhos, documentação

---

<sup>10</sup> Idem. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Coleção Província Vol.1. Porto Alegre, Editora Globo, 1957.

<sup>11</sup> João Simões Lopes Neto volta a Pelotas em 1882, com aproximadamente 17 anos, tendo vivido até então marcadamente duas experiências radicalmente opostas: a da estância e a da Capital. Agora volta para uma espécie de soleira, espaço intermediário entre a fazenda e a grande cidade, entre o rural e o urbano, e, por que não, entre o passado e o presente. Daí para a frente, mais do que nunca, Simões Lopes viverá sob o sino do ‘entre’. CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto, dos tempos – Literatura e História em João Simões Lopes Neto*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

<sup>12</sup> Reverbel, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional – Vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. Martins Livreiro/UCS, 1981.

<sup>13</sup> Lopes Neto, J. Simões. *O Anjo da Vitória*. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Coleção Província Vol.1. Porto Alegre, Editora Globo, 1957.

técnica e processos de licenciamento, o local e perfil da atividade pesqueira, na extensa faixa litorânea sulina e seus tantos acidentes fluviais e lacustres.

Contudo, a vida de Simões Lopes Neto tem muitos mistérios. Temos uma incógnita tanto em relação às leituras, quanto ao seu universo iconográfico, que chega a nós na fragmentada e singela tipografia da sua época. Das suas leituras, que imaginamos e desconhecemos, ficamos com as suposições de Aldyr Schlee, Hilda Simões Lopes Costa,<sup>14</sup> Cláudia Antunes e tantos outros que empreendem o exercício de pesquisa, de busca, imaginativo e dedutivo.

A hierarquização de sua produção, recentemente suavizada pelas ações de divulgação de *Terra Gaúcha – Histórias de Infância*<sup>15</sup> e *Artinha de Leitura*<sup>16</sup>, obras estas possivelmente saídas da sua compreensão do mundo cívico, promove uma nova unidade no seu pensamento, iluminando a busca pela continuidade do seu pensar no ato de seus diferentes escritos.

Simões tinha consciência das nossas manifestações consagradas de uma cultura com contribuição de diferentes etnias europeias, africanas e indígenas, do processo de miscigenação e sincretismo que nos produziu como brasileiros. Percebe-se claramente seu conhecimento da estrutura das sociedades rurais, das relações baseadas na subserviência, no trabalho e na vida, do tradicionalismo e da opressão patriarcal. Quando estes valores são postos em cheque, em completa transformação, também a vida do escritor padece de estrutura, de condições econômicas, fragilizando sua saúde.

Considerado a maior expressão do regionalismo literário no sul do país, esta cunha lhe rendeu o reconhecimento póstumo e uma fruição diversificada e até, de certa maneira, redutora do seu talento. Moacyr Scliar, ao apresentar a *Obra Completa*,<sup>17</sup> escreve: “Ele é regionalista e este rótulo funciona quase como um estigma, sobretudo num país cada vez mais globalizado. Lamentável, contudo. Estamos diante de um grande escritor, alguém cujos contos podem, sem favor, ser comparados aos de Tchekov ou Machado de Assis.”

O regionalismo de Simões celebra sua ancestralidade na figura do narrador Blau Nunes, e ali conflui no seu ato criador e inventivo para apresentar de forma ímpar parte de seu tempo e de sua história. Essa história difere muito de outras manifestações brasileiras do regionalismo, por tratar das complexidades humanas num mundo de fronteira, além das divisas estabelecidas. A imensidão pampeana está no percurso contínuo do narrador, no seu movimento de deriva, aleatório e particular.

João Simões Lopes Neto tem no seu caráter regional o risco de ser monopolizado pela geografia sobre a qual reflete. As paixões que o leem e as que o pesquisam e estudam se contrapõem algumas vezes na interpretação e leitura do seu mundo ao mesmo tempo sensível, violento e enérgico. Atingir o universal de Simões passa por este movimento. E por entender sua visão de mundo nos aspectos humanos do seu próprio conflito, desvelados por uma realidade nostálgica que coloca questões que, embora cotidianas, persistem como revelações profundas da existência humana.

**Ceres Storchi**

Curadora

---

<sup>14</sup> Hilda Simões Lopes Costa diz que a Biblioteca do Visconde da Graça, avô de Simões Lopes Neto, foi descrita com admiração, em Portugal, após o retorno de um cidadão que a visitara.

<sup>15</sup> Lopes Neto, J. Simões. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul, RS: Belas Letras Projetos Especiais, 2013.

<sup>16</sup> Idem. *Artinha de Leitura*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul, RS: Belas Letras Projetos Especiais, 2013.

<sup>17</sup> Lopes Neto, Simões. Apresentação presente na orelha do livro, feita por Moacyr Scliar. In: *Obra Completa*. Org. Paulo Bentancur. Porto Alegre, RS: Copesul, Editora Sulina e Já Editores, 2003.

